

Rep  
VIAGEM  
114

RELATÓRIO DE VIAGEM  
SELEÇÃO DE ÁREAS  
por  
Eugenio Afonso Correia

Relatório de Viagem  
24 de Outubro a 7 de Novembro /79  
- Seleção de Áreas -

De 24 de Outubro a 7 de Novembro viajamos às SUREG-FO e SUREG-BE com o fim de acompanhar e prover assessoramento técnico aos projetos de seleção de áreas "Diamante-Gilbués" (SUREG-FO) "Ouro-Turiagu-Piriá" e "Ouro e Platina da Serra de Itapecuru" ambos da SUREG-BE, cuja supervisão nos foi atribuída.

No que se refere ao primeiro projeto foi efetuada uma visita ao campo em companhia do geólogo responsável.

A viagem para Fortaleza e Belém e de regresso ao Rio foi feita por via aérea.

1. Diamante - Gilbués (SUREG-GO)

Programado para ser iniciado em Agosto com três geólogos, a execução deste projeto teve início em Outubro e apenas com um geólogo, por dificuldades técnicas e de pessoal.

Por solicitação nossa, a DIGEOF forneceu-nos a interpretação da área visando definir as anomalias passíveis de terem sido provocados por ocorrências kimberlíticas. Verificamos que algumas destas anomalias coincidiam com outras definidas por nós sobre a imagem de radar e fotografia aérea.

Durante a nossa estadia no campo, tivemos oportunidade de visitar algumas anomalias magnéticas e geomórficas bem como áreas de garimpo (Gilbués, S. Dimas, Monte Alegre e Rio Gurgueia). Numa delas estava operando, em aluviões subrecentes, uma pequena draga de sucção.

Desta primeira visita de trabalho ficamos com a impressão de que a região é muito promissora no que se refere à exis-



tência de depósitos aluvionares de diamante, tanto na bacia do Gurgueia quanto na do Parnaíba. Por outro lado é de crer que das numerosas estruturas circulares identificadas na imagem de radar e das também numerosas anomalias magnéticas definidas pela DIGEOF, algumas delas correspondem a aparelhos vulcânicos kimberlíticos suscetíveis de estarem mineralizados.

A garimpagem tem incidido sobre os conglomerados Areado ou nos coluviões deles resultantes, nos aluviões de alguns pequenos rios e sobre conglomerados e cascalhos basais de coberturas datadas, pelo Projeto Gilbués, como terciárias e quaternárias, respectivamente.

No que se refere a estas duas últimas unidades estratigráficas, ficamos com algumas dúvidas sobre se elas não serão a mesma cobertura. De qualquer modo é referida mineralização diamantífera quer numa quer na outra, o que faz com que ambas elas constituam, desde já, objetivos importantes, cujo interesse parece desnecessário encarecer.

Os conglomerados e cascalhos destas coberturas foram explorados apenas onde eles estavam a profundidade acessível à garimpagem permanecendo intatos, na sua maior parte, não só pela profundidade a que se encontram mas, principalmente, porque os poços abertos para extração do cascalho começavam a desabar abaixo do nível freático, chegando mesmo a soterrar alguns garimpeiros, como aconteceu no "Reservado", local tido como anormalmente rico em diamante e praticamente virgem.

Para oeste de Gilbués ocorre extensa cobertura cujos bordos, ao longo do rio Bom Jardim foram intensamente garimpados e onde, ainda hoje, se fazem alguns trabalhos esporádicos de extração de cascalho por poços. É nesta área que opera uma pequena draga de sucção e onde fica também o local conhecido por Reservado.

Esta cobertura não foi mapeada, na área em causa, pelo Projeto Estudo Global dos Recursos Minerais da Bacia do Parnaíba apesar de já no Projeto Gilbués ela ter sido identificada como diamantífera. Este projeto chega mesmo, na área referida, a considerar a existência de duas coberturas ambas elas diamantíferas na base (ver folha III respectiva coluna estratigráfica - Projeto Gilbués).

Foi sugerida, ao geólogo responsável, a delimitação de algumas áreas e imediata proposta para pedido de concessão de pesquisa. Sugerimos também que, se possível, fosse tentada a coleta e tratamento de algumas amostras suficientemente volumosas de cascalho basal dessas coberturas.

Para tratamento das amostras referidas e de outras coletadas sobre as anomalias e noutras áreas sugestivas foi sugerida, por indispensável, a construção de equipamento simples de operação manual (jigs circulares para loçning e reconcentração, jig joplin e crivos) para classificação granulométrica do material e concentração.

## 2. Ouro e Platina da Serra de Itapecuru (SUREG-BE)

O prospeito "Ouro e Platina da Serra de Itapecuru" está sendo realizado pela SUREG-BE com um atraso de três meses (em seis de duração) por não ter sido possível a sua execução pela SUREG-FO à qual tinha sido atribuído.

Nos dias 5 e 6 de Novembro estivemos na SUREG-BE onde, com o geólogo responsável, discutimos a preparação da etapa de campo e da metodologia a seguir.

Na área do prospeito não são conhecidas quaisquer ocorrências de ouro ou de platina embora se tenha conhecimento de alusões muito vagas sobre este último metal. No que concerne a

rochas que possam ter alguma relação com estes metais apenas no extremo oeste da área se assinalam ocorrências de rochas básicas (basaltos).

O objetivo principal deste prospecto são os conglomerados basais da Formação Corda, depositados em ambiente fluvio-lacustre logo após os importantes derrames de rochas básicas do Triássico-Jurássico. Para tal será feita prospecção aluvionar não só nas linhas de água que drenam aquela formação como também nas que drenam as áreas de ocorrência de rochas básicas, com o tratamento de 20 litros de cascalho. Em princípio optou-se por uma cobertura de 1 amostra/30 km<sup>2</sup>, malha que, no entanto, pode ser alargada ou apertada de acordo com o desenvolvimento dos trabalhos. Sempre que for assinalada a presença de serpentinitos, peridotitos, dunitos, piroxenitos ou qualquer outro tipo de rocha ultrabásica deverão ser bateados 20 litros de cascalho nas linhas de água que drenam a ocorrência. Normalmente os concentrados dos cascalhos platiníferos são ricos em cromita e olivina. Também se sugeriu que fosse bateado material do solo recolhido sobre aquelas rochas no horizonte mais favorável à concentração de resistatos. Deverão também ser coletadas amostras de rocha para petrografia e, eventualmente, geoquímica.

### 3. Ouro de Turiaçu - Piriá (SUREG-BE)

Também este prospecto, atribuído à SUREG-FO, foi transferido para execução pela SUREG-BE fato que provocou atraso, de cerca de dois meses, no seu início.

Foi analisado e discutido o plano de trabalhos de campo bem como a metodologia a seguir.

São duas as áreas que o projeto se propõe reconhecer, uma no interior localizada sobre terrenos do grupo Gurupi que,

segundo técnicos da SURREG-33 (Jorge João) constituirá um greenschist belt e a outra ao longo da costa. Na primeira são conhecidas jazidas primárias e sedimentares enquanto que, na segunda área, as ocorrências conhecidas se localizam em terraços marinhos.

O reconhecimento da área será feito também com uma cobertura de 1 amostra por 20 ou 30 km<sup>2</sup>. Não deverá perder-se tempo nem insistir nas áreas onde se conhece já mineralização de ouro até porque, a maior parte delas, já estão concessionadas a terceiros. Em nossa opinião o que deve fazer-se é localizar novas ocorrências de ouro.

Deverão ser bateados 20 litros de cascalho nas linhas de água de 2ª e 3ª ordem e, sempre que for encontrado ouro na bateia deverá ser amostrado e bateado material coluvial ou dos solos das vertentes. Se for assinalada a presença de rocha básica ou ultrabásica deverá proceder-se como foi apontado para o prospecto anterior, isto é, batear aluvião e solo (20 litros) e coletar amostra de rocha para petrografia e geoquímica.

No caso especial dos placers marinhos na faixa costeira quando estes estiverem acessíveis deverá batear-se material desses terraços e, quando o material bateado for de aluvião e apresentar ouro, a amostragem deverá prosseguir para montante até se definir se o ouro é do terraço ou dos terrenos pré-cambrianos.

#### 4. Tratamento Laboratorial das Amostras

Num trabalho deste gênero o que se pretende e interessa realmente é encontrar mineralização visível na amostra bateada no campo. Assim, se numa bateada não aparece ouro nada mais deverá ser feito, pelo menos no que se refere a este metal. A área não terá interesse e, assim, parece desnecessário perder

mais tempo com o estudo laboratorial da amostra para além do estudo mineralógico. De resto nem o pessoal nem a disponibilidade de verbas permitem estudos muito mais completos. Mesmo no que se refere à petrografia, a análise macroscópica no campo praticamente satisfaz os objetivos práticos do projeto. Quando aparece ouro e ocorrem nas proximidades rochas máficas e ultramáficas o único estudo que nos parece efetivamente necessário seria um ensaio de fusão para ouro. Tendo em conta este objetivo, as amostras de rochas deverão ser coletadas em pequenos pedaços de 2 a 3 cm de diâmetro, totalizando cerca de 2 kg de peso.

No que se refere ao ouro e platina da Serra de Itapocu-ru há que ter em conta que a platina pode ser de difícil identificação por poder apresentar-se recoberta por uma delgada película de material negro que leva a confundí-la com a cromita, magnetita ou ilmenita. O envio dos concentrados ao laboratório é portanto, indispensável.

Quanto às amostras de sedimento vivo apenas deverá ser feita análise por absorção atômica para Au, As e S<sup>2-</sup> salvo se se pretender aproveitar as amostras para controle de outras mineralizações para além do ouro e da platina.

Rio, Nov. 79

*Eugênio Afonso Correia*  
Eugênio Afonso Correia